

## ENTRELAÇANDO MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA NA TESSITURA DA NARRATIVA

### INTERLACING MEMORY AND EXPERIENCE IN THE CONSTRUCTION OF THE NARRATIVE

Andréa Cristina Martelli<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nosso artigo apresenta reflexões preliminares a respeito dos conceitos de narrativa, experiência e memória em Walter Benjamin e alguns apontamentos sobre a história oral. Na tentativa de apreender o substrato do imaginário da sexualidade dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental - nosso atual tema de investigação –, optamos pela História Oral Temática como instrumento metodológico, por considerá-la uma possibilidade de entrecruzamento da oralidade com a escrita, sendo que entre ambas há valores distintos. No transcorrer do trabalho com as histórias orais dos colaboradores, para o processo de compreensão das narrativas percebemos a exigência da apreensão teórica dos conceitos de experiência, memória e narrativa, os quais ganham significado a partir do diálogo com Walter Benjamin. Identificamos, também com as entrevistas dos professores, a dificuldade de intercambiar experiências, o que, segundo esse mesmo teórico, pode ser o resultado da nova forma de organização do trabalho no capitalismo moderno, da especialização dos trabalhadores em funções específicas, da divisão em lugares e espaços diferentes, da aceleração do processo produtivo, aspectos esses desencadeadores de experiências individuais, solitárias, e da sua morte simbólica. Com base nesses referenciais, as falas dos professores – colaboradores da pesquisa que originou essas reflexões teóricas iniciais – serão consideradas como narrativas repletas de experiências vividas, de socialização de tradições, de sensibilidades, de imagens, de histórias individuais construídas na história coletiva, de pessoas localizadas num determinado lugar e é deste que falam, sentem, rememoram, significam e ressignificam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa, experiência, história oral temática e memória.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp; docente do curso de Pedagogia da Unioeste; pesquisadora do grupo de pesquisa “Aprendizagem e Ação Docente” da Unioeste e membro do grupo de pesquisa “VIOLAR” da Faculdade de Educação da Unicamp. [deiamartelli@hotmail.com](mailto:deiamartelli@hotmail.com).



**ABSTRACT:** Our article presents preliminary reflections regarding the narrative concepts, experience and memory in Walter Benjamin and some notes on verbal history. In the attempt to apprehend the substratum of the sexuality imaginary of the initial years teachers of the basic education - our current subject of inquiry -, we opt to Thematic Verbal History as metodological instrument, for considering it a possibility of interlacing the orality with the writing, for in there's distinct values. In elapsing of the work with collaborators verbal histories, for the process of understanding of the narratives we perceived the requirement of the theoretical apprehension of the experience concepts, memory and narrative, which gain meaning from the dialogue with Walter Benjamin. We identified, also with the teacher's interviews, the difficulty to interchange experiences, what, according to this same theoretician, can be the result of the new form of work organization in the modern capitalism, of the workers' specialization in specific functions, the division in different places and spaces, of the acceleration of the productive process, aspects that unchain the individual, solitary experiences, and of its symbolic death. With base in these references, the teacher's lines - collaborators of the research that originated these initial theoretical reflections - will be considered as narratives full of lived experiences, socialization of traditions, sensibility, images, individual histories constructed in collective history, of people located in one determined place and is about this place they talk, they feel, they recollect, they mean and re-mean.

**KEYWORDS:** narrative, experience, thematic verbal history and memory.

Apresentamos, aqui, as primeiras aproximações teóricas a respeito dos conceitos de narrativa, experiência e memória benjaminianas<sup>2</sup>, bem como reflexões preliminares sobre a História Oral<sup>3</sup>.

Na tentativa de apreender o substrato do imaginário da sexualidade dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental - nosso atual tema de investigação -, optamos pela História Oral Temática como ferramenta metodológica, pois percebemos "(...) a História Oral como uma manifestação coerente com o tempo em que vivemos como forma de captar um instante da nossa própria História" (MEIHY, 1994, p. 3).

Uma das qualidades do trabalho com a História Oral Temática foi a possibilidade do entrecruzamento da oralidade com a escrita, pois entre ambas identificamos valores distintos. A escrita, na maioria das vezes, é fria, sem vida, esvaziada de sensibilidade,

---

<sup>2</sup> Walter Benjamin, filósofo, escritor e crítico da cultura, "Um autor alemão, judeu, teólogo e marxista aureolado pelo seu trágico e exemplar suicídio" (GAGNEBIN, 2004, p. 1). A definição por Walter Benjamin como referencial teórico para subsidiar o trabalho com as narrativas, memória e experiência deve-se ao conhecimento de seus textos no processo de doutoramento, como também por vir ao encontro dos nossos anseios epistemológicos.

<sup>3</sup> Para outras compreensões dessa metodologia indicamos a leitura de Thompson (1984) e Gattaz (1996).



escapando-lhe os gestos do corpo e das mãos, os silêncios, a pausa, as risadas, a entonação da voz; enfim, as emoções do depoente, eis nosso grande desafio no trabalho com essa metodologia.

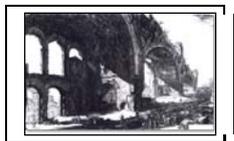
Em função da necessidade de possibilitar uma maior compreensão do texto, devido à diferença entre a oralidade e a escrita, realizamos a transcrição a partir da qual processamos “(...) uma intensa atividade sobre o texto e a gravação, na qual palavras, frases e parágrafos serão retirados, alterados ou acrescentados, permitindo que o não literalmente seja dito” (MEIHY, 1996, p.1).

Apenas finalizamos a textualização posteriormente à sua leitura pelos depoentes, tanto para verificar a fidedignidade às suas idéias, como para dirimir problemas de caráter ético. Essa fase foi chamada por Meihy de conferência e legitimação (1996, p. 2), quando podem ocorrer alterações, correções, fatos podem ser adicionados ou frases vetadas; o depoente tem o direito de fazer isso e deverá ser respeitado. Nas palavras de Benjamin, “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Após a textualização, aguardávamos inquietos pela leitura das narrativas pelos depoentes, pois queríamos saber se iriam ou não se reconhecer nos seus temas, nas palavras, nos fatos e no próprio ritmo desta. Na nossa experiência, algumas alterações foram realizadas pelos depoentes, as quais integram a última textualização. Na pesquisa de doutorado que estamos desenvolvendo, esses diferentes momentos – transcrição literal, textualização e última textualização – foram construídos a partir de entrevistas envolvendo professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

Na trajetória da escrita das narrativas, bem como no próximo momento da nossa investigação, ou seja, no processo de apreensão do imaginário de sexualidade evidenciado nas narrativas, a apreensão teórica dos conceitos de narrativa, experiência e memória são essenciais, os quais ganham significado peculiar a partir do diálogo com Benjamin.

Na ótica desse mesmo teórico, as experiências nos são transmitidas, na medida em que vivemos. Ora de forma ameaçadora, ora benevolente, são comunicadas aos jovens através de provérbios, histórias, narrativas contadas pelos pais aos netos. Nos ensaios “Experiência e Pobreza” (1933) e “O Narrador” (1928-1935), de Benjamin, narrativa e experiência são conceitos centrais. Essas obras tratam do fim da narrativa tradicional e da



perda da experiência. Em ambas presencia-se a narrativa da “parábola das vinhas<sup>4</sup>”, utilizada pelo autor com o intuito de elucidar a transmissão da experiência através da palavra e como esta, quando transmitida, passa de geração em geração; “algo maior que a simples existência do pai, um pobre vinhateiro” (GAGNEBIN, 2001, p. 87). A possibilidade dessa transmissão e desse lembrar só ocorre pela exigência da memória<sup>5</sup>, tão cara a Benjamin.

Para este filósofo a experiência e a narrativa estão intimamente imbricadas e, com a ressignificação da primeira em virtude da organização capitalista do trabalho, a segunda foi comprometida, ou quase extinta. “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção, (...). É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.197-8). Narrar, segundo Benjamin, é mergulhar as palavras em experiências vividas, as quais são carregadas de conceitos, é movimentar a racionalidade e a subjetividade individual no coletivo. Para os acontecimentos narrados não há uma única versão, convidando os ouvintes a criarem outras, com significações nascidas de uma narrativa inconclusa.

Ao se eleger a História Oral Temática como metodologia de pesquisa, é preciso ter em mente que:

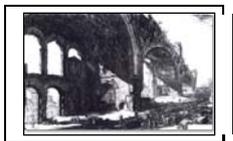
A quintessência da experiência não é aprender a ouvir explicações prolixas que à primeira vista poderiam ser resumidas em poucas palavras, e sim aprender que essas palavras fazem parte de um jargão regulamentado por critérios de casta e de classe e não são acessíveis a estranhos (BENJAMIN, 1994, p.42).

A prática com esse tipo de investigação permite compreender o fato de que “A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (ibid., p.205). Identificamos, também em nosso trabalho com as entrevistas, a dificuldade de intercambiar experiências, o que, segundo Benjamin, pode ser o resultado da nova forma de organização do trabalho no capitalismo moderno, da especialização dos trabalhadores

---

<sup>4</sup> “Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento de morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (BENJAMIN, 1995, p.114).

<sup>5</sup> Aos interessados em outros olhares a respeito do conceito de memória, sugerimos a leitura de Bergson (1990) e Thompson (1998).



em funções específicas, da divisão em lugares e espaços diferentes, da aceleração do processo produtivo, aspectos esses desencadeadores das experiências individuais, solitárias, e da sua morte simbólica. Benjamin nos alerta que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (ibid.).

Benjamin, a fim de constatar a dificuldade da sociedade capitalista moderna na troca de experiências, enfatiza o episódio da 1ª Grande Guerra:

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, não tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca (ibid., p. 198).

O aceleramento da ampliação das forças produtivas e técnicas em virtude da organização capitalista da sociedade, como também as experiências traumáticas da guerra, tornam impossível à linguagem cotidiana e à narração tradicional a assimilação do choque, dificultando a narração da guerra pelos soldados (cf. GAGNEBIN, 2001, p. 87). A experiência da guerra tornou-se humanamente impossível de ser transmitida por aqueles que a viveram.

Muitos dos nossos depoentes, ao narrarem suas experiências acerca do tema da pesquisa de doutorado, evidenciam a força dos traumas em suas vidas e isso é revelado pelas narrativas, ratificando as análises de Benjamin.

A natureza da verdadeira narrativa constitui-se em uma norma de vida, um ensinamento, um provérbio, um conselho, ou seja, o narrador sabe dar conselhos. “Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em conseqüência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros” (BENJAMIN, 1994, p. 200). Aconselhar não no sentido moral do certo ou do errado, e sim, tecido na substância da existência: a sabedoria.

Apesar da constatação do fim da narrativa tradicional, Benjamin aponta para uma nova narração, “uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas” (GAGNEBIN, 2001, p. 90). Nesse sentido, a opção pela narrativa nos compele a uma coragem intelectual para ouvir as vozes de pessoas anônimas



e suas experiências e memórias e, a partir destas, compreender o imaginário de sua sexualidade.

Se a narrativa é concebida por Benjamin como transmissão de experiências entre gerações, baseadas no movimento coletivo de tradições, de sensibilidades, na relação do narrado com o vivido, não há possibilidade de narrativa sem memória. Por sua vez, a memória, em Benjamin, pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações. (cf. GALZERANI, 1997).

Para Benjamin a memória é a “musa da narrativa”, é a “mais épica de todas as faculdades” provocando o surgimento não de “lembranças”, organizadas por uma temporalidade única e linear ordenando os acontecimentos, nem como um sentido único de verdade, e sim de “reminiscências” que rompem a sucessão cronológica dos fatos.

A memória é a resignificação das experiências vividas, um cenário ocupado por pessoas onde se mistura o passado e o presente, não se caracterizando como saudosismo, nem como repetição do que passou. Com a existência de significados e sentidos ambivalentes, com vários fiapos sem sentido, a memória interpenetra o consciente e o inconsciente. Portanto, “para Benjamin a memória é crítica, é afetiva: ela articula sempre, por um ato de vontade, elementos voluntários e involuntários” (GALZERANI, 1997, p. 103), possibilitando uma nova afinidade entre o passado e o presente. Rememorar é transformar o presente de modo que “se o passado perdido for aí reencontrado seja também retomado e transformado” (cf. GAGNEBIN, 1994, p.19). A memória é um trajeto de idas e vindas. Em Aristóteles, encontramos o reconhecimento de que:

O registro mnemônico por si não tem valor: também alguns animais têm essa capacidade, e os computadores também. O desafio para o animal histórico está na “rememoração” (anamnesis) sempre a partir da dimensão presente. Rememoração esta que passa pelo filtro do juízo crítico do intelectual (...) (GALZERANI, 1997, p.102).

Menos que uma repetição daquilo que nos lembramos, a memoração provoca a identificação da existência de brancos, buracos, do esquecido e do recalado; é uma forma de dizer aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança, nem às palavras. Rememorar significa também

(...) uma atenção precisa ao *presente* (grifos do autor), particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata



somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2001, p. 91).

Os acontecimentos vividos são encerrados na esfera do presente, ao passo que quando lembramos de um acontecimento não existem limites, nos lembramos de muitas coisas que vieram antes e depois; esses acontecimentos nos levam a outras lembranças vividas, passadas, guardadas, ou esquecidas. “Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Benjamin, em seu ensaio “A imagem de Proust”<sup>6</sup>, nos adverte que o mesmo não narrou sua vida literalmente como foi vivida, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. O importante para quem rememora não é a exatidão do que foi vivido, mas o “tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope<sup>7</sup> da reminiscência” (BENJAMIN, 1994, p.37). Às vezes não é o fato, ou o acontecimento que chama a atenção e, sim, as circunstâncias, as sensibilidades, os espaços, os vazios, que permeiam a rememoração. Não rememoramos somente como os fatos ocorreram, mas como gostaríamos que tivessem ocorrido. Rememorar, para Benjamin, não significa um devaneio ou uma fuga ao passado, mas uma ação sobre o presente.

Com base nesses referenciais, as falas dos professores – depoentes da pesquisa que originou essas reflexões teóricas iniciais – serão consideradas como narrativas repletas de experiências vividas, de socialização de tradições, de sensibilidades, de histórias individuais

---

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paul Rouanet. 7ed<sup>a</sup>, São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas; v.1).

<sup>7</sup> “Penélope é uma dessas heroínas míticas, cuja beleza é mais do caráter e da conduta que do corpo. Quando chegou o momento de deixar a sua casa, seu pai Icário, não suportando a idéia de separar-se dela, tentou persuadi-la a permanecer em ao seu lado. Ela partiu com o marido e seu pai construiu uma estátua de Pudor no lugar da sua despedida. Ulisses e Penélope não gozaram um ano de vida juntos, pois foram interrompidos pela Guerra de Tróia. Durante sua longa ausência, e quando era duvidoso que ainda ele voltasse, Penélope foi importunada por inúmeros pretendentes. Ela lançou mão de vários artifícios para livrar-se deles. Um desses foi afirmar que escolheria um novo marido, após o termino de tecer uma tela para o funerário do seu sogro. Durante o dia trabalhava nela, mas, à noite, desfazia o trabalho. É a famosa tela de Penélope, que passou a ser uma expressão proverbial, para designar qualquer coisa que está sempre sendo feita mas não se acaba de fazer” (cf. BULFINCH, 2004, p.222-3).



construídas na história coletiva, de pessoas localizadas num determinado lugar e é deste que falam, sentem, rememoram, significam e ressignificam.

Com esses fios teóricos pautaremos a escrita da tese, tentando construir a teia do imaginário da sexualidade, mergulhada nas experiências vividas rememoradas pelos professores, traduzindo-as em forma de narrativas, para o que memória e experiência são conceitos fundamentais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paul Rouanet. 7ed<sup>a</sup>, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.1)

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BULFINCH, Thomas. **O livro de Ouro da Mitologia**. História de Deuses e Heróis. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória e esquecimento: linguagens e narrativas. Memória, História, Testemunho. In: **Memória e (Res) Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. NAXARA, Márcia & BRESCIANI, Stella. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **História e Narração em Walter Benjamin**. 2ed<sup>a</sup>, São Paulo: Perspectiva, 2004.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. In: **Anais do III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História**. São Paulo: 15 a 17/09/1997.

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência**: uma história oral da imigração espanhola. São Paulo: Xamã, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Boom. **Definindo História Oral e Memória**. São Paulo: CERU, n<sup>o</sup> 5, 1994.

\_\_\_\_\_. ( org). Lapidando a fala bruta: a textualização em História Oral. In: **( Re) introduzindo a História Oral no Brasil**. 1996.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum** – estudos sobre a cultural popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



Travessias número 01 [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com)

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

---

THOMPSON, Paul. **La voz del pasado**. Valência, Alfons el Magnànim, 1984.